

*em casa* — Adolfo Moreira Franco, bisavô. Alex, de fato, não o conhecera, pois ele desencarnou em 1936.

7 - *Silmara e Jules* — Silmara Cristina Pandolfelli e Jules Verne Pandolfelli, irmãos.

8 - *Alex. Alexandre Augusto Pandolfelli*. — Alex, assim chamado na intimidade, nasceu a 8/6/1963. Cursava o 2.º Ano Colegial. O sr. Jules Verne contou-nos, em entrevista fraterna, que seu filho, ao terminar de ler o livro *Jovens no Além* (F.C. Xavier, Espíritos Diversos, Caio Ramacciotti, GEEM), meses antes da desencarnação, perguntou: "Tudo isso existe?" Hoje, vem confirmar as cartas dos jovens autores daquele livro, trazendo também, nesta obra, sua preciosa contribuição, com palavras confortadoras e instrutivas para todos nós.



## CAPÍTULO 7

### ENFERMIDADE E RESGATE

Renatinho, inteligente e forte garoto de 10 anos, apresentou, repentinamente, sinais de grave enfermidade no cérebro. Após vários exames especializados, os médicos chegaram à conclusão de que se tratava de tumor, e a única esperança de cura fundamentava-se numa cirurgia.

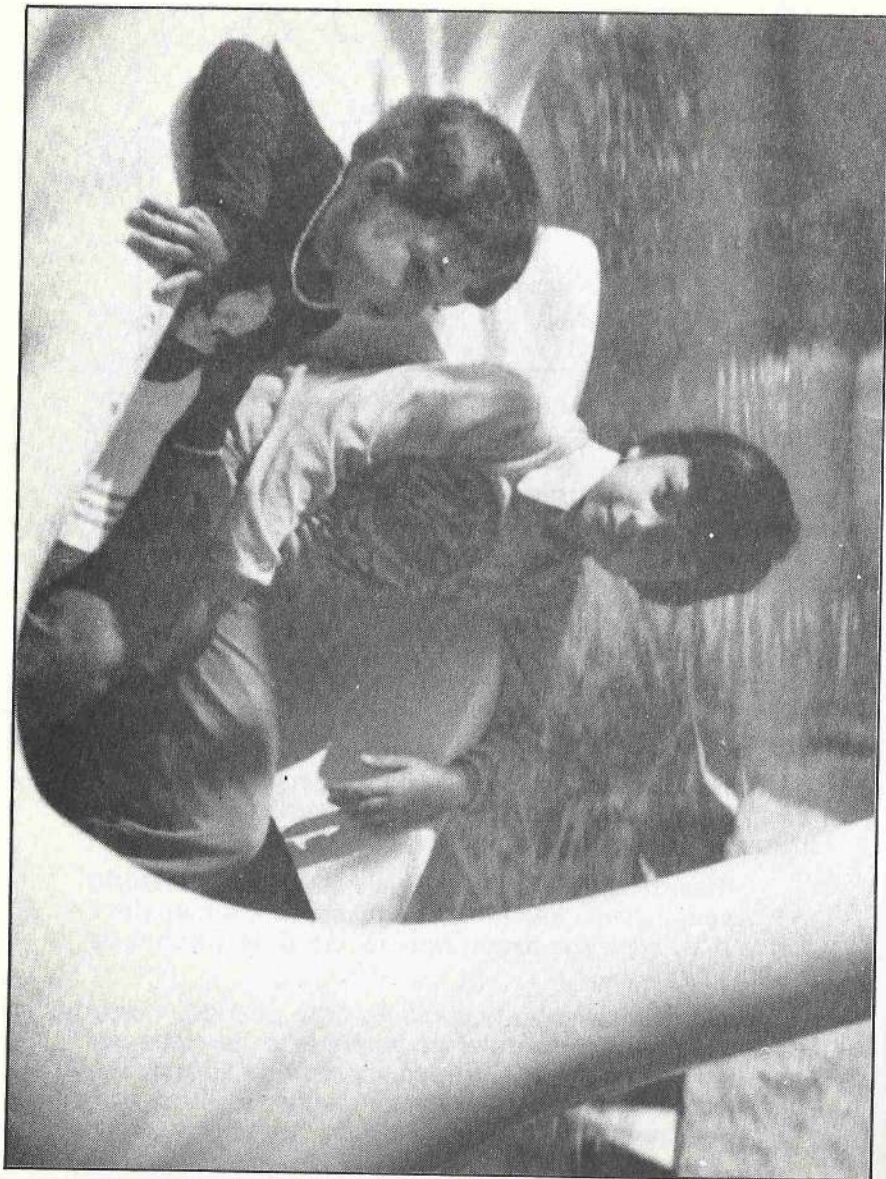
Os pais, naturalmente, de início, titubearam diante da decisão: concordar ou não com a programada operação. Mas, consultas a outros especialistas deram-lhes força para autorizarem a cirurgia.

Realizada a delicada intervenção, o pós-operatório não evoluiu bem. Renatinho permaneceu em coma por cinco dias, até a sua desencarnação, em 5 de outubro de 1980.

Como agravante da perda do filho querido, o casal passou a cultivar um doloroso sentimento de culpa por ter autorizado a cirurgia, que só foi desfeito após o recebimento de notícias do próprio Renatinho, Espírito, conforme nos relatou o casal, neste trecho de atenciosa carta:

"Ficou em nós um sentimento de culpa por termos





Renato Rodrigues e sua irmãzinha Tatiana.

autorizado a cirurgia. Fizemos bem ou não? Ficamos quase enlouquecidos. É por isso que ele escreveu esta frase: 'Peço ao papai Luiz não se impressionar, como se fosse ele o autor da decisão da medicina.'

A carta de Renato nos deu muito conforto, porque tivemos a confirmação de que nosso filho continua vivo no Plano Espiritual."

✱

Outro ponto relevante da Primeira Carta do garotinho foi a explicação de sua enfermidade, com base na Lei de Causa e Efeito ou Cármica, dizendo claramente, com base em informações de seus avós, que resgatou uma dívida de existência anterior.

A seguir, suas consoladoras palavras:

Querida mãezinha Daisy e querido papai Luiz, abençoem-me.

Sou trazido pelo meu avô Ponciano para reafirmar-lhe que estou melhorando.

Não quero vê-los amargurados como se me houvessem perdido. Tudo aconteceu conforme as determinações de Deus.

Mãezinha, lembre-se de quando você me ensinava a fitar o retrato de Jesus e me pedia repetir o nome santo. Não poderemos esquecer as nossas orações de mãos postas. Desde o tratamento difícil refletia em Jesus, e na vontade de Jesus.

Peço ao papai Luiz não se impressionar, como se fosse ele o autor da decisão da medicina. Quem nos obrigou a aceitar as providências em que nos envolvemos foi a minha doença que estou aprendendo aqui, com o vovô



Luiz e com o vovô Ponciano, a receber como sendo a minha dívida. Por enquanto não sei onde a fiz, mas muita gente perde a memória para recuperá-la depois, e devo ser uma dessas pessoas que não se recordam de muitos acontecimentos que estão trancados na retaguarda.

Peço dizerem à nossa Tati que não morri e que espero aprender muito do que vejo em nosso campo de moradia, a fim de auxiliá-la mais tarde.

Querida mamãe Daisy e querido papai Luiz, chegou o momento de traçar o ponto final. O avô Ponciano me convida a encerrar esta carta de saudades e é com muito amor que os revejo ao meu lado e que lhes posso repetir aqui nesta folha de papel que sou o filho que os ama cada vez mais,

Renatinho.  
Renato Rodrigues.

#### *Notas e Identificações*

1 - Carta psicografada pelo médium Francisco C. Xavier, em reunião pública do GEP, Uberaba, a 23/10/1981.

2 - *Mãezinha Daisy e papai Luiz* — Daisy Ramos Rodrigues e Luiz Rodrigues, seus pais, residentes em São Paulo, Capital.

3 - *avô Ponciano* — Ponciano Cláudio, bisavô, desencarnado em 1968.

4 - *Mãezinha, lembre-se de quando você me ensinava a fitar o retrato de Jesus* — “Dois dias antes da cirurgia, meu filho pediu-me para levá-lo à igreja, pois ele queria acender uma lamparina para Jesus e N. Senhora Apa-

recida. Levei-o e ao sair disse-me sentir aliviado com a oração.” (Informação de D. Daisy, em sua carta).

5 - *Não poderemos esquecer as nossas orações de mãos postas.* — “Depois de seu falecimento sentia-me revoltada e sem fé. Creio que por isso ele menciona que não devemos esquecer nossas orações.”, esclareceu-nos D. Daisy.

6 - *vovô Luiz* — Luiz Ramos, bisavô desencarnado.

7 - *Tati* — Tatiana Rodrigues, irmã.

#### SEGUNDA CARTA

*“Observando o corpo diferente, mas igual ao que usara no mundo físico, fiz várias perguntas à minha avó que passou a me transmitir as informações necessárias.”*

Querida Mãezinha Daisy, associe meu pai ao pedido de bênção que lhe endereço.

Tenho recebido os seus apelos. Queria alguma notícia, alguma informação acerca do Renato. . . Ouça-a a dizer e a redizer isso muitas vezes.

Mãezinha Daisy, minha anotação melhor é a de que a dor alucinante na cabeça passou por completo. Para mim não foi tão fácil desvencilhar-me da casa e dos entes queridos.

Sofria muito no corpo; entretanto, a idéia da morte não quadrava com qualquer desejo, no sentido de alcançar as melhores precisas. Compreendia o trabalho que lhes dei, com aquele mundo de indagações sobre exames e instruções para que meu cérebro se descartasse do mal que me oprimia. Os dias e as noites para nós eram muito longas, como são longas as expectativas dos desesperados. . .



Gradativamente, um grande cansaço me tomou todas as forças. Sem querer, aceitei a idéia da libertação do corpo fustigado de dores. E me lembro claramente da neblina que se fez sobre mim, a ponto de enxergar pessoas e cousas com grande dificuldade. Em dado momento, um rosto sorridente emergia daquela névoa grossa e ouvi a voz de alguém, induzindo-me a erguer-me. Entretanto, não me seria fácil pensar nisso. A minha prostração era absoluta, mas aquela face maternal me falava com tamanho vigor de fé que me esforcei, de leve, e levantei-me, ignorando que me desligava do corpo pesado e doente.

Nesse mesmo instante, pude transpor a neblina e receber o abraço de uma senhora, a senhora que me fitava com bondade e otimismo. Explicou-me que era a minha avó Antonieta a cooperar no meu afastamento do corpo que não apresentava utilidade alguma para mim. Achar-me, porém, muito abatido e a cair de sono; e entreguei-me, de todo, à criatura abençoada que me vinha socorrer espontaneamente.

Estava de minha parte muito sofrido e acabrunhado para refletir sobre o fenômeno da morte e deixei-me conduzir ao entorpecimento que me posseava todos os sentidos. Dormi descuidadosamente, sem a possibilidade de precisar, até agora, quanto tempo gastei nessa condição de alienação mental, totalmente entregue a sonhos e pesadelos.

Quando despertei, a mesma senhora se acomodara junto de mim, demonstrando dedicação invulgar. Lutei bastante para recuperar a fala, porque os meus nervos jaziam silenciosos e petrificados, no meu entender. Depois de muitos exercícios é que reconquistei o dom de falar com segurança. Observando o corpo diferente, mas igual ao que usara no mundo físico, fiz várias perguntas à minha avó que passou a me transmitir as informações necessárias.

Não mais sentia dores e explicava ela que isso se devia à ausência do tumor que me incomodava tanto. . . Creia, porém, mãezinha Daisy, que chorei muito ao reconhecer que me encontrava noutro ângulo da vida, a Vida Espiritual, que ninguém na Terra conhece inteiramente, sem haver passado pela desencarnação. As lembranças da casa me doíam por dentro e as lágrimas me caíam do coração, através dos olhos, mas a avó Antonieta me esclareceu que me observava, satisfeita, as melhoras positivas.

Aquilo era um estímulo a que prosseguisse no esforço da liberação do Plano Físico e aderir aos propósitos de minha avó que me queria vigoroso e alegre para iniciar vida nova.

Assim se passam meus dias de restauração na Vida Maior e espero que Jesus nos proteja.

Agradeço a todos quanto fizeram por mim e peço-lhe, mãezinha, para interpretar-me o reconhecimento junto de quantos me auxiliaram.

Hoje venho pedir-lhe conformação e fé em Deus e a certeza de que um dia nos encontraremos na Espiritualidade Maior. Reconheço a minha pequenez, mas me esforçarei para vencer o tempo e ganhar as possibilidades de estar mais perto do seu carinho e do pai Luís, que está sempre em minhas lembranças.

Muito carinho à nossa Tatiana, e abraçando-a com o papai e com os nossos em minhas lembranças, sou, como sempre, o filho reconhecido,

Renato.

Renato Rodrigues.

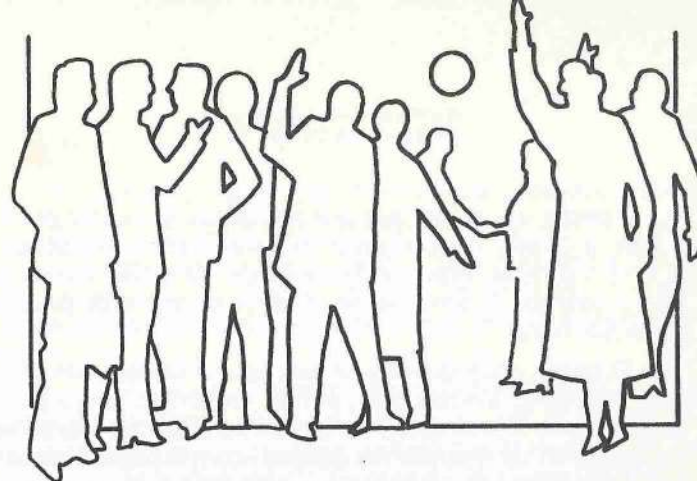
#### *Notas e Identificações*

8 - Psicografia de Francisco C. Xavier, em reunião Pública do GEP, Uberaba, a 15/2/1985.

9 - *Tenho recebido os seus apelos. (. . .) Ouço-a a dizer e a redizer isso muitas vezes.* — A morte física não impede que as criaturas que se amam permaneçam ligadas pela força do pensamento. O fluido universal que envolve a todos — encarnados e desencarnados — permite a sintonia mental (telepática) das almas afins.

10 - *avó Antonieta* — Bisavó materna.

11 - *Lutei bastante para recuperar a fala, porque os meus nervos jaziam silenciosos e petrificados, no meu entender. Depois de muitos exercícios é que conquistei o dom de falar com segurança.* — Observa-se que o cérebro do corpo espiritual (ou perispírito) de Renatinho — corpo que ele considera “diferente, mas igual ao que usara no mundo físico” — sofreu reflexos da doença que o acometeu em vida física. (Ver Nota 5 do Capítulo 6.)



## CAPÍTULO 8

### MOTOQUEIRO LEVANTA-SE E PASSA POR CIMA

Aqui comparece Luciano de Castro Alves Machado, vitimado em acidente de moto, a 19 de fevereiro de 1982, portador de mensagem otimista e consoladora, conseguindo, com o seu palavreado descontraído, brincar — brincalhão que era em vida física — e falar sério ao mesmo tempo.

E ele conseguiu o seu objetivo: “Estou nesta carta, com todas as minhas reservas de alegria para deslocar o pó de amargura que a minha viagem súbita tem deixado em nosso ambiente.” — pois seus pais, residentes na Capital goiana, em atenciosa missiva, nos disseram: “Na família, a repercussão da mensagem foi muito grande, proporcionando um conforto maravilhoso para nós: os pais, irmãos e tios.”

Ouçamos as palavras do destemeroso motoqueiro:

Ôi, mamãe Eunice.

Estamos aqui, morte nada.